

IYÁ LEKE: Boa tarde, é a gratidão é um dos sentimentos maior do ser humano. E eu também sou muito grata a vocês. Por estarem aqui no dia de hoje, hoje é dia de Exu, que Exu facilite a nossa comunicação. Vamos pedir licença a ele, ago Exu, que facilite a nossa comunicação e que essa comunicação também chegue aonde vocês querem que cheguem. Nos bons ouvidos, nos ouvidos que precisam ser escutados e nos olhos que precisam ser visto. Também é dia de orixá Adjé, que é orixá da prosperidade. Orixá que nos escolheu para cobrir, dar o cobrimento de prosperidade, de dinheiro, de reconhecimento. Nós precisamos disso, né? Religião afro cultua também muito a prosperidade e o dia de Obaluaê, o senhor da cura e da varíola, né? Pedir a Obaluaê proteção para que Arun a doença não chegue nos nossos corpos, não chegue nas nossas família. Que não chegue no mundo, né? E agradecer também ele, que a gente tá todo mundo aqui saudável no dia de hoje. Eu comecei na religião muito criança, porque minha mãe acabou me levando que eu fui uma criança muito doente. Hoje a gente identifica que realmente eram questões espirituais que eu tinha né?. E nas idas da minha mãe, idas e vindas no terreiro, acabou se colocando como filha de Santo que ela é benzedeira e umbandista. E a gente acabou ficando também, é na religião. Eu me iniciei em 95 para Iyemonjá, na umbanda foi apenas assim, né? Não fiz iniciação nenhuma, fui filha de pomba, como os umbandistas dizem, né? E é uma religião que eu respeito muito. E fiz santo em 95 e me iniciei para Iyemonjá com a nação de ketú. Meu, o meu orunkó, que é o nome de Santo, que é o nome que a gente renasce para o mundo em que a gente acredita que é o nome que Eledumare escolheu para nós, é Iyá Leke.

IYÁ LEKE: Então eu sou de São José, mas moro na ilha há mais de 30 anos. É nascida em Florianópolis. Na época que São José era uma cidade, né, dormitório. A gente trabalhava, estudava na ilha, mas minha família é de São José. Eu tenho formação em ciência da religião, porque eu me senti um pouco no direito e na obrigação de conhecer as outras, os outros. Pertencimento a forma de cultuar Eledumare e de cultuar Deus para compreender as pessoas que vem me procurar. Através do jogo de Búzios, através de um conselho ou até de um escrito, enfim, né? Então fui estudar um pouquinho ali,, as outras religiões. Foi uma graduação de 4 anos, depois eu fiz arquivologia na UFSC e trabalho com documentação de acervos de terreiros e acervos pessoais de pessoas de terreiro, né? Em que lancei uma cartilha que o nome é: *Sim, axé. Nós temos patrimônio!*. Então eu estou meio que afirmando que o axé tem patrimônio, tem patrimônio documental, sim, que a gente vive nesse mundo global e vive nesse mundo de arquivos e de registro mesmo. A oralidade sendo a nossa guardiã, que é da oralidade que tudo a gente produz. A gente produz a escrita, a imagem, as vestimentas, as

cores. A mítica é a oralidade que nos dá essa continuidade. Mas a gente tem bastante registros assim, né? Nessa cartilha eu estou conversando com as comunidades de terreiro para ter um pouco mais de cuidado com os nossos acervos, com a foto da Iyalorixá na parede. Com os nossos registros nas mídias sociais, com uma mensagem de um ogã ou da mãe de Santo ou do pai de Santo pra alguém no WhatsApp. Então isso tudo são nossos suportes de memória que ali eu tô colocando na cartilha e depois eu também posso colocar pra vocês. E aí foi uma maneira assim que eu encontrei de dar, retornar para a sociedade que foi na UFSC, uma universidade pública, e eu tenho, acho que a gente tem o dever realmente de retornar o investimento que a universidade pública fez em mim. Que fez durante a graduação. Eu disse, “bom, eu vou pensar”. Então para mim, a comunidade de terreiro. E a gente também tem esse projeto, né? De ir nos terreiros e conversar sobre esse cuidado com os acervos documentais. Eu tenho alguns artigos também publicados, mas é mais assim, voltado também para o orixá. Tem um artigo publicado no livro que o Cristiano Santana organizou na UERJ, é o nome do livro, é Xirê epistêmico. E aí eu tô falando sobre o Oxaguian e alguns artigos também em alguns poemas que sem a poesia, sem o lúdico é muito difícil construir essa cultura de paz e essa cultura de culto aos orixás. Isso porque, se a gente for, é traduzir as nossas cantigas, as cantigas, os orixás, os orikis que são a forma de rezar e as saudações, elas são extremamente poéticas e lúdicas. Então, eu também me faço, mais um exercício de ter uma escrita mais voltada à escrita criativa, poética, do que a intelectual e acadêmica, legítimo intelectual e acadêmico. Mas eu acredito que para o os meu, a minha forma do jeito que eu quero levar a esses saberes, que foi o jeito que eu também aprendi. Muita escuta, né? O ouvido muito aberto, com as mais velhas, com os mais velhos, com as experiências que eu tive que ainda tenho, com as com as viagens na Nigéria, especificamente em Ilê Ifê, nessa cidade que é a primeira cidade onde Obatalá o nosso criador, o criador de todos os seres. Fundo e Ilê Ifê também é todos os seres que estão se constituindo aqui na Terra.

BRUNA ANDRADE: A gente quer que a senhora fale bastante dessa viagem para a Nigéria.. Mas antes de chegar nela, eu queria perguntar para a senhora essa relação acadêmica que a senhora teve. Como que foi na trajetória da senhora entrar na faculdade? Que você vê essa relação, já que a senhora publica artigos e tal, como que você vê essa relação? Do terreiro com a academia para a faculdade, que é isso que a gente faz um pouco aqui. O nosso intuito é bem para aproximar o terreiro da comunidade para as pessoas terem o acesso. Não sabe da eu sei que a senhora falou um

pouquinho, mas eu queria que a senhora falasse um pouquinho mais dessa. Faculdade que a senhora fez aí. Como que foi? A senhora já era de Santo, aí já estava tentando conciliar.

IYÁ LEKE: Sim, sim, primeiro que minha mãe criou 5 sozinha e ela sempre quis uma filha doutora, um filho doutor, que eu acredito que é um sonho de qualquer mãe, né, né? Que que cria seus filhos, mãe solo, que cria seus filhos sozinhos. Segundo, que também a vida de títulos, né? A gente precisa de títulos para abrir algumas portas para ter reconhecimento. Infelizmente o mundo ocidental não vê a gente como um sacerdote e os saberes que nós temos com as nossas experiências, eles não não vêem isso. Eles vêem primeiro o título. A graduação, a titulação, pra depois ver outras coisas. Eu acho muito importante, muito interessante, e a busca de qualquer tipo de conhecimento ou técnico, específico ou mítico, é muito importante. E é um dever da gente, né? É um dever a gente ter um pouco mais de conhecimento para ter sabedoria, que sem conhecimento a gente não consegue ter essa sabedoria. Assim de compreender, de compreender o mundo e de compreender o outro. Eu também tenho um aqui já é meu jeito assim. Eu gosto de estudar, gosto de ler, gosto de escrever. Minha Iyalorixá, mãe beata de Iemanjá, que hoje já está no Orúm, é minha referência. Ela tem alguns livros publicados também. “O caroço de dendê”, “a história que minha avó contava” e alguns artigos e alguns livros. Era poetisa de poemas de cordel era minha referência assim. E ela sempre dizia o quanto é importante para nós ser referência para os nossos. As nossas crianças, os nossos jovens, principalmente a nossa comunidade afro, né?

É que a gente sabe a perversidade que foi a escravidão no Brasil, né? E eu não condeno também a forma que tá colocado aí dos livros didáticos que é, apresenta mais grilhões do que outras coisas, né? Mas eu acho também muito bom a gente dar uma girada, virar uma chave. Não esquecer, não banalizar, mas de colocar também para os nossos jovens, para nossas crianças, que nós somos filhos de realezas, de reis e rainhas, que Ilê Ifé é a primeira cidade que o Ooni de Ilê Ifé nos tem como os filhos que vão um dia voltar para casa, que vão conhecer a casa Odudua. O rei, o rei da dinastia dos iorubas, Obatalá, o nosso rei Oxum rainha e Iyemonja rainha. Então é expandir a condição da nossa epistemologia mesmo. Da nossa criação, em que a gente passou alguns percalços, sim, mas nós somos descendentes de reis e rainhas. E essa realeza ainda constitui em Ilê Ifé um modelo tradicional. Assim, bem tradicional, tu vê a criança de 5 anos sabendo a sua descendência milenar de 1066 anos, que é o calendário Iorubano, né? Na Nigéria nós estamos no ano 1066, não em 2024. Tu vê uma criança de 5 anos dialogar contigo e contar a história de Odudua e como também vê o Ancião

de 100 anos apoiando essa criança, esse falar, esse contar, esse potencializar a sua Realeza, que eu acredito, é raso ainda. Esse meu diagnóstico, né? Porque é a quinta vez que eu vou pra lá, mas eu acredito que é o que potencializa eles. A gostar de ser negro. A querer deixar a sua tradição e expandir a sua tradição, tá certo? Nós estamos falando de uma colônia inglesa, então tem muitas coisas, né? Americana tem muita coisa inglesa. Nigéria fica muito perto assim de grande, grandes massa de de mercados, de mídia, mas pelo menos assim em Ilê Ifê, especificamente, eu acho fantástico que eu consegui ver no primeiro ano que eu fui no Olojó, eu consegui ver criança de 5 anos, as senhores e senhoras de 100 participando de um festival. Quando eu olho a criança, quando eu olho o jovem, quando eu olho o adolescente me conforta, conforta a inquietude do meu coração, que eu digo assim, nós temos esperança. Não é só os idosos, não são só os adultos. As crianças participam e elas sabem que estão fazendo. As crianças dançam, cantam, participam dos rituais, participam dos festivais. Isso para mim é fantástico, fantástico.

IYÁ LEKE: Você quer um tempo iorubá e um tempo de terreiro. Então nós somos múltiplos nós que somos de axé. Eu não tô aqui fazendo uma diferença de sociedade, mas nós temos uma pertença diferente. O Vini é de Exu. 24 horas por dia, não só no terreiro. Eu sou de Iemanjá e sou Iyalorixá, eu tenho uma pertença 24 horas por dia. Essa forma que realmente é de iorubá mesmo, de não se distanciar da sua pertença mítica tradicional e teológica da tua vida social. Eu não consigo ainda, é afirmar, está tudo junto e misturado, porque eu misturado para mim não soa muito bem ainda legítimo de quem usa esse termo. Eu acho bacana assim, né? Mas não é misturado, nós somos assim. Na sexta-feira, o povo de axé usa branco, identifica que nós somos de axé. Na segunda-feira a gente reza para Exu, Adje e Obaloaê, identifica que somos de axé. Ao entrar em qualquer lugar que a gente veja um babalorixá, Iyalorixá, uma Ekedji, um Ogan, um Oiyê ou alguém de axé, nós temos o nosso cumprimento, que é um pouquinho diferente das outras pertences, né? Das outras religiões. Então, assim, ser de axé é ser o tempo todo na sociedade, no trabalho, na universidade ou dentro do terreiro. Na arquivologia um professor me perguntou, “você trabalha com estética ou na enfermagem?” Eu disse, “não, isso aqui é um dogma religioso. Eu uso branco porque hoje é sexta-feira, dia de Oxalá”, e ele se assustou. Ele fez uma cara assim, de assustar. Então imagina a resenha. em que eu me coloco como um emissário de Xangô. E nessa hora, assim, a gente deve estabelecer algumas algumas falas assim, eu disse, “puxa, que pena que você é como um educador de uma universidade pública, né? Você se assustou dizendo, porque eu sou da macumba, porque sou de axé, porque sou do candomblé? Então eu vejo que ainda o

nosso sistema não está preparado. Para nos reconhecer e ainda não estar preparado para nos compreender que respeito a gente coloca na hora, entendeu? Então, mas é assim, né? Quando tu vai para um comércio ou para um hospital ou na vida cotidiana, de branco de conta ou alguma coisa. A gente tem uma boa recepção, sim, porque eu sou cultua Exu, nós cultuamos Exu e Exu nos blinda de malfeitos, mas a gente também sente a estranheza, eu fico um pouco, eu não fico triste, não fico revoltada, não fico irritada. Eu fico preocupada que ainda o Brasil, que é o segundo maior contingente de afro. De africanos, né? De descendentes de africanos, afrodescendentes. Ainda temos essa nuance, essas sintonias com a sociedade. Eu não boto a conta só na educação. A 10.639 tá aí, ela deve ser revista na ciência da religião. Meu artigo final também foi 10.639, um desafio para o ensino religioso. Porque chamaram os bispos da CNBE. Não chamaram o pai de Santo, uma mãe de Santo, que seja alguém de Santo para discutir o plano. Chamaram os bispos da religião católica. Então, o meu artigo, eu estou discutindo porque que chamaram, porque se eles precisassem de doutores, a gente também tem. A gente também tinha na época, né, que foi 2003. Então, estou meio que estou discutindo isso. E aí discutindo mesmo em algum termo, porque que não chamaram dos nossos para conversar sobre o plano e que chamaram? É a instituição cristã, que também não tenho nada contra. E a gente sabe que o Brasil é laico entre aspas, que todos os calendários são cristão, que a gente tem a obrigação de ensinar. O que é Nossa Senhora Aparecida, Páscoa e Natal nas escolas? Mas você não pode ensinar o que que é Pomba Gira, Dia de Iemanjá, porque aí tem que ser polêmico mesmo, né? Para as nossas crianças. E você pode falar de Vênus, de Atenas, de Apolo. Você não pode falar dos nossos ancestrais e os nossos primeiros ainda, que são os indígenas, né? Isso aí é uma outra parte, que é a 10065. É isso, né? 11060 e 11645, né? Numa época que eu decorei agora não mais, então assim, eu ainda fico um pouco preocupada. Eu não boto só na conta na educação, não é? Talvez a gente é nos, os próprios religiosos, os sacerdotes, sacerdotisas nós mesmo, né? Temos que apurar mais o nosso dever e contribuir mais ainda, porque já é puxado ressignificar, resistir, existir tudo o que é da cultura afro africana e afro brasileira, que é isso que o terreiro faz. A gente come, veste, bebe, dança, canta tudo o que é africano, né? Os primeiros movimentos negros se instituíram dentro da casa de candomblé. Depois o movimento negro apontou Martin Luther King. Que maravilhoso pacificador. Como um exemplo para um movimento negro. Mas Martin Luther King era um pastor, não era o Ooni de Ilê Ifé, que é o descendente de Odudua e que ele pode dizer assim, quando a gente foi na primeira vez, ele é bem pai assim, ele chama a gente para ir pelo menos uma vez por semana conversar, de ver como que nós estamos, se estão bem alimentados, se estão bem. Acomodados e o que precisam. E ele

perguntou, “você conhece a sua origem?” “Eu disse, “eu até a bisã, que é o que eu que eu chego ali, né? Alguns ali chegou no sexto coisa e tal. “Ele disse, ‘não, a origem de vocês é Odudua. Odudua é o propulsor do povo iorubá. O primeiro ser é o **cambi**, que é filho de odudua”. E aí ele mandou a gente para uma sala aonde há o retrato de todos os Oonis, todos os reis, e ele diz, “desde o primeiro até ele, isso, isso aqui é a origem de vocês. Agora vocês conhecem a sua origem, se sintam com origem primordial. A origem de vocês é primordial. Ela não é outra origem.” Isso para mim foi muito fantástico, impactante e eu ainda fico emocionada de falar. Eu não consigo ainda falar muito bem com palavras bonitas em relação a isso, porque a emoção tira um pouco, né? Mas assim, foi impactante que Ooni falou assim, se sintam que vocês têm origem e a origem primordial é Obatalá que nos criou. Odudua é o fundador de Ilê e Ifê, porque ele tá no trono de Odudua, né? Então é isso acho que é muito importante. O povo afro brasileiro e o povo afro do mundo. Eu não digo nem conscientizar, porque Ilê Ifê por um monte de coisas que eu digo que são coisas mesmo e coloco como coisa, porque é muito, né? Não foi. Ela foi apagada para o mundo, né? A primeira cidade, o povo iorubá. Ela foi apagada para o mundo. Então eu não digo que é falta de consciência e conscientizar as pessoas, é apontar a nossa origem, apontando a sua origem ele pode dizer, “puxa, eu posso ser descendente de Odudua”, você pode dizer, “eu posso ser descendente de Odudua” Ela, ele, nós, nós temos uma descendência, as origens. Depois aí a gente vai se colocando. Entendeu? Isso eu achei muito importante, muito bom para a gente.

BRUNA ANDRADE: E falando disso e de origem de religião. A senhora começou no candomblé, qual foi o primeiro terreiro? Um pouco disso, qual foi sua primeira experiência nos outros terreiros? Você passou pela umbanda...

IYÁ LEKE: Sim, sim, eu passei pela umbanda, assim como a mãe na fase assim mesmo, de criança, adolescente, aí passei pela gira e comecei a atender com uma entidade minha, que se chama Cabocla Nazaré, com 14 anos de idade, num terreiro. E, né, eu tenho até hoje, todo dia, todo ano no meu aniversário eu faço toque de caboclo que eu festejo o meu aniversário. Para agradecer a proteção dessa entidade e tudo aquilo que ela me conduziu. Mas sem iniciação nenhuma, sabe? Só sem iniciação, porque a gente precisa de iniciação para abrir algumas portas. Eu me iniciei diretamente no candomblé. Depois, nos anos é 2000. Eu fui tomei obrigação com Mãe Beata de Yemanjá, que é do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense. Né? **De Miguel Couto e Leo, meu juaru.** Estamos lá até hoje, né? Então com minha mãe se encantou. Eu prefiro usar o termo encantamento em 2017 e hoje meu babalorixá que tá aqui, pai Adailton de ogum, é que está como um babalorixá do Ilê axé e a

gente tá muito feliz com ele. E aqui é um braço do Alaketu. O Alaketu, ele é a casa matriz. Há quem diga que é uma das casas mais antigas, mas eu não entro nessa disputa do candomblé mais antigo ou menos antigo, porque, olha, é um poço de saber sem fim, né? O Alaketu diz que é mais antigo. A Casa Branca institucionalmente é o candomblé mais antigo. E a gente ainda encontra ali em Cachoeiras que eu também tentei fazer uma pesquisa terreiros mais antigos, mas Alaketu é a nossa casa matriz. Mãe beata de iemanjá, minha Iyalorixá era é filha de mãe Olga do Alaketu e consequentemente também meu pai Adailton. Tem um terreiro no Rio de Janeiro e tem nós aqui em Florianópolis e mais uma casa do Alaketu que fica na queimada. Pelo que eu conheço do axé Alaketu são só nós 2 aqui. Que o candomblé brasileiro é mais ou menos assim que se emancipou, né? Que se distribuiu no Brasil todo o alaketu, o axé bomboche que foram axé que também não tem muitas casas e vem o axé, axé oxumaré, o axé do Gantois e o Ilê Axé Opô Afonjá da parte de keto, assim esses 5 axé que se estenderam mais do Brasil afora. Por isso que quando uma pessoa de axé pergunta qual é a tua família de Santo para a gente já entender de que axé ela é o que de axé você é, que são termos nosso, que é só com dados do axé mesmo que identifica, né? Qual que é a tua casa? Qual que é a tua, né? Qual que é a tua linhagem? Entendeu? Te respondi?

AISHA: E com relação ao canto alaketu mesmo, tem a cena que eu gostaria de comentar, alguma coisa sobre a cosmologia do canto alaketu ou algo relacionado à perspectiva de matriz africana?

IYÁ LEKE: Não é difícil, mas é muito sensível, porque o candomblé ele se constituiu, é com as nossas mais velhas em luta, as nossas mais velhas. Elas se constituíram a amiga que era de Angola do candomblé de Angola vinha ajudar a fazer o Yawo. do candomblé de ketu. O outro amigo que era do candomblé de Gêgê vinha ajudar a fazer o Yawo, as iniciações do candomblé de ketú, e assim vai. Então a gente diz que o candomblé no Brasil é o candomblé nagô. É um termo nosso. Tem algumas casas que tem, algumas similaridades com Gêge e outras casas tem com Angola e que não não dá para dizer que é mistura, não tá keto cultua orixá Angola Nksi, gêgê cultua vodun, mas o Oxumarê é um vodum e eu iniciei o Oxumarê e eu sou Iyalorixá feita para iniciar uma sacerdotisa ordenada, feita cultuada para iniciar orixá. No Brasil, eu acredito que como forma de resistência. Mesmo e de sobrevivência, tem essas não são misturas, né, tem esses nuances. Às vezes a pessoa casou com alguém de Angola, ela também faz um ritual de Angola, tem algumas literaturas antigas, às atuais, nem tanto, que diz que é candomblé, é puro e impuro, eu não acredito que exista nada, nenhum culto ao orixá, puro ou impuro. Eu acredito que exista candomblé e que se a pessoa, ela, eu aqui toco

alaketo. Então tudo o que a minha família de Santo canta, veste, dança, serve para o orixá. É o que eu cultuo. Eu conheço o pessoal da Oxumaré, conheço, conheço a forma, conheço a sala. Conheço um pouquinho da Opô Afonjá, sim, conheço um pouquinho do Efon, que é uma outra nação também. Mas eu não introduzo dentro do meu candomblé, porque senão a gente perde a tradição, a gente não descaracteriza, mas a gente perde a tradição familiar, entendeu? É mais ou menos assim que a gente tenta levar esse legado de uma forma um pouco mais consistente. A minha família de Santo ela costura dessa maneira, ela cozinha dessa maneira, canta dessa maneira e dança dessa maneira. Então é dessa maneira que os familiares dessa linhagem vão fazer. Por isso que às vezes tu chega numa casa de axé e tem um pouquinho de diferença, entendeu? A do teu pai. Acho que é Oxumaré, né? Axê oxumaré. Então, o axé de Oxumarê tem uma sala diferente, né? O jeito de entrar, o jeito de vestir. E quem é do axé, quem é da comunidade de axé, ele começa a identificar as pessoas que são de se puxar o axé, Opô Afonjá se veste dessa maneira. O axé Oxumaré que coloca a sala dessa maneira, essa varinha que é o toque de entrada, é do Gantois essa varinha é da Casa Branca. Então, a complexidade de nuances assim que olha que é uma delícia, né? Não precisa correr não. É uma delícia esse ser, sentir e estar no candomblé.

Respondendo a pergunta da Carol, né? O comentário da Carol? A gente tem no candomblé os oyês, ajoiês, ogans e ekdjis. Eu gosto muito de contar história, porque eu aprendi escutando histórias e eu acho muito bacana essa transmissão de conhecimento. Iemanjá suspendeu o ogan Antônio, que é filho do Otto, que é o loponan aqui de casa, que é um oiê e filho da Bianca. Ele tinha na época uns 4 ou 5 anos. Tudo bem, apresentou ele, e Iyemonja suspendeu e depois, eu perguntei: “pai, por que que o senhor acha que iemanjá lhe escolheu” E ele disse assim, “porque eu sou um anjo, porque eu sou um anjo de vocês, eu sou um anjo de Iyemonja.” Agora eu sou o pai de vocês, então... Na nossa pertence, a gente acredita que a gente faz alguns pactos. Na vinda do oroun para o aiye, ele escolheu seu grande Iyemonja. Iyemonjá só acordou isso nele, chamou, venha, né? Eu escolhi ser a Iyalorixá, a Carol escolheu ser uma mulher de axé, você escolheu ser filho de Exu e de axé. A gente tem algumas escolhas quando as pessoas não conseguem encontrar a sua escolha mítica teológica de pertença. Não vamos falar de religião, que eu acho que é um conceito que já está um pouquinho passado, né? Vamos falar de pertença, ela sente um pouquinho de inquietude. Aí quando ele encontra, eu vou cultuar os orixás, eu vou cultuar é Jesus, ou vou cultuar Buda, ou vou cultuar crisna, ou vou cultuar a natureza. É uma forma mítica e teológica de culto das pessoas. Aí a gente acredita que quando a pessoa encontrou essa forma de culto a Eledumare,

ela encontrou a tranquilidade, a inquietude dela já se escondeu. É porque ela tá no lugar certo, entendeu? Mas nós temos sim nossos ogãs, nossas ekedjis, nossas crianças, né? Nós temos o ogã Miguel que tem 13 anos, vai se confirmar agora pra Iyemonjá, então é nosso desde a barriga da mãe. Tem ogan aqui em casa, tem criança aqui em casa que assim de meses. Eu presenciei Minha Mãe Beata *apontando* que é um termo que a gente usa no candomblé. O neto dela, que é o Anísio, assim ele mal andava. E aí ela dizia assim, ela brincava, “o candomblé é fantástico, né, minha filha? A gente tem que chamar essa coisinha de pai”, porque a gente acredita que os ogãs, as ekedjis, oyes, ajôyes e ogans que eles fazem parte assim... É, eles fazem parte do Ministério religioso, eles eles vêm com essa, essa sintonia de ajudar a cuidar da comunidade. Nós somos muitos, né? A gente não consegue cuidar sozinhos. A gente também precisa, Ogan não vira, não incorpora, oyes e ajôyes também não. Então te respondendo é isso. Não sei se contemplei a pergunta.

BRUNA: E aí nisso que uma vez eu fui numa numa estava numa palestra com a Tânia e ela justamente ao começar ela falou, ela falou, eu peço licença ao mais velha, aos mais velhos, licença aos mais novos. Então eu acho que tem muito a ver com isso. E aí a gente da história tentando entender esses tempo linear, então esse tempo linear que nós temos enquanto humanos, ele não se configura dessa forma aqui dentro, né?

IYÁ LEKE: Nem se configura na forma Yorubana, é? Em 2022 eu participei a gente estava na sala do rei e tinha um senhor de 120 e 102 anos ou 112, sem alguma coisa ali que ele estava sentindo que ela é do mar. Ia chamar ele a qualquer momento. E que o sonho da vida dele era botar a cabeça pro Ooni, que não tem 50 anos. Ele queria tomar benção do Ooni de Ile ifé, fé. E aí a gente viu ele cheio de orgulho assim e numa postura assim muito que a gente tava vendo que ele realmente se esforçou pra estar assim, bem postado, caminhar sem capengar assim, né? Se colocar de mo foribalé pro Ooni, todo mundo também foi pro chão, a gente já tava no chão, a gente ficou mais no chão ainda e aquilo Pra Ele foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele, que ele falou ali a gente tava, né? Com um bom intérprete. Então esse tempo do mais velho e do mais moço, né? Bem, são os meus mais velhos e os meus mais moços, a gente faz por tempo de Santo. É o tempo da entrada. Se eu tenho 30 anos de iniciada e se alguém tem 31, e esse é o meu mais velho, é o meu **egbome meu e EBon oou meu aburo**, que é o mais novo. A gente aprende com o mais novo a exercer a paciência que transmite saberes. Fora de um contexto africano é muito difícil? É muito difícil. Então a gente aprende a ter paciência para ensinar os mais novos e com os mais velhos a gente aprende com a experiência. Então essa forma de transmissão assim, de conhecimento, é muito interessante.

O modelo social do candomblé eu acho que o modelo do social perfeito, né? A gente consegue chegar numa casa de axé, a gente consegue ver quem é Yawô, quem é a Abiyan, quem é o Oiye, quem é Ekedji, quem é Ogan, quem é Iyalorixá só pela forma que está vestida, sentado ou nos seus grupos. E isso é muito importante, porque, quando tu sabes, tu tem uma compreensão desse mundo. Tu sabe como se dirigir a pessoa, eu não vou cobrar Comentar com um Yawo ou um Abian algo que um só um é bom, me passou a gente. A gente exercita o tempo todo, né? De não constranger esse que tá entrando, esse que ainda tá na fase do aprendizado e a gente potencializa aquele que já passou, e também tem a sua experiência. Então é por isso que eu digo que é o modelo, é o modelo que prepara a gente para o mundo, nós de axé. É muito difícil a gente não recuar num conflito. É muito difícil a gente exercita muito para não ter impulso, né? Olhar sempre para o seu, primeiro pra Terra, pro otun, pro osi, pra esquerda e pra direita, pra depois tomar alguma decisão. E quando um mais velho fala, mesmo ele estando errado, a gente recua, reflete e depois dialoga. É o modelo social do candomblé mais batido ou mais tranquilo ou mais leve? É esse é o modelo social do candomblé, né?

BRUNA: E pensando essa forma, nessa forma do candomblé, falar do espaço aqui, quando foi que o terreno foi fundado? Que isso tem a ver com com isso? Do da disso que a senhora falou, né? De enxergar as pessoas nos seus lugares, que elas são. Eu acho que é importante a gente falar um pouco daqui, da casa, da casa da senhora.

Iya Leke: Eu tenho 22 anos de sacerdócio, toquei um terreiro é há 19 anos e a gente veio para cá. Em 2017, para a obra do terreiro e fundamos o terreiro em 25/01/2020. É uma comunidade nova, bem bem nova sim, que eu tenho essa bagagem dos meus filhos, né? Dessas duas décadas que vieram para cá também. Então, eu tenho gente de mais de 20 anos de Santo feito, mas assim, a comunidade em si, o terreiro em si, é um terreiro novo. Eu inaugurei em 2020, quando a gente começou a obra, a gente teve uma ajuda de um amigo arquiteto, que não é do axé. E ele perguntou para mim “Iyá, como que a senhora quer essa casa?” Eu disse “eu quero um Palácio”. E eu disse, “eu cultuo reis e rainhas, eu quero um Palácio.” Tanto é que o nome é Ilê Axé Omi Olodo Tolá. Mas o nome é lá de fora, é o Palácio de Airá. Por isso que tem essa arquitetura mesmo. Da escadinha, os Arcos, esses Xangô e Oxóssi, né, ali fora. E a gente meio que tá tentando constituir uma forma de Palácio mesmo. Isso leva tempo e orçamento. Mas a entrega para os Orixás, para a comunidade, a minha comunidade, a comunidade de Airá, é o dono da casa e para todas as pessoas que vem é realmente de um Palácio. A construção que realmente era, é o meu querer que todas as

escrituras diz “vá sempre encontro ao Belo.” O Belo, a beleza também é culto africano, é culto e iorubá, é culto dos Orixás. Por isso que quando tu chega na casa de axé, tem algum canto que pode ele estar simples, mas ele tá muito arrumadinho, ele tá muito decorado, ele tá muito cuidado o cuidar africano, ele perpassa a estética. Ele perpassa a estética, o cuidado africano é o belo, é esse belo que a gente está vendo. Olha só, ela tem toda a produção assim, né? É o Belo, vocês todos são belos, mas é esse Belo, né? Esse cuidado, isso que também é nosso, é africano, tem pertença Ioruba, pertença africana, esse é o candomblé. Ele pegou isso muito forte.

BRUNA: E a escolha do local? Foi algo específico ou aconteceu conforme essa caminhada?

IYÁ LEKE: Eu vou usar um termo católico. O Milagre de Yemonjá. Com rompimento em outra casa. E é um amigo meu que é Ogan, o nome dele é Cleiton Emanuel Rodrigues. A foto dele ali, ó, depois eu mostro para vocês. Ele soube do rompimento e a gente tinha alguns atendimentos ele também morou aqui em Florianópolis, ele é professor na universidade da Bahia de direito, e aí ele soube em fevereiro, ele veio aqui e disse: “ Ah, pega aquele meu terreno lá do Rio Tavares e constrói a casa de iemanjá, que eu não quero ver o iemanjá sem casa.”E ele é Ogan confirmado muitos anos, não foi confirmado aqui. E esse terreno quem ganhou foi Iyemonjá, ela deu para Oxóssi, o terreno. Dono do terreno é Oxóssi, **é o baniran, o pieru e o dono da casa é airá,** mas é isso. Assim, quando eu estava um pouco em desalinhos e achei que “como que eu vou fazer” Eu estava atendendo na garagem, fazia os ebós na rua porque não tinha mais casa de Santo, mas continuei. Os meus atendimentos, que eu gosto muito, gosto muito do meu ofício. E oxóssi, Iyemonjá nos salvaram. Esse terreno na escritura, a escritura. Ele é advogado, trabalhou muitos anos no Ministério público, na escritura como terreno de oxóssi. O dono é oxóssi, o dono da Terra é oxóssi.

AISHA: Você falou do projeto que envolve a comunidade em cima e pensando um pouco da religião com a comunidade, a gente queria começar perguntando como que é? A relação do terreiro com a comunidade?

Iya Leke: De comunidade externa com a comunidade assim, os meus filhos, né, os filhos de Yemonjá. E a nossa pertença tranquila, são tranquilos, são amorosos, cuidadosos, generosos, que é a pertença que Yemonjá, que é para todos os seus filhos. Claro que a gente tem um conflito, a gente tem, né? A troca de saberes que somos seres humanos. Mas eu estou muito

feliz com a minha comunidade. Eu sou muito alegre com a minha comunidade. Né? Iemanjá também é muito satisfeita com a minha comunidade, com os vizinhos. Imagina, nós chegamos aqui em 2017 e aí claro que souberam que era um terreiro de candomblé. E em 2020, quando inauguramos, o som do atabaque incomodava para eles como um barulho. E não como esse som que bate no teu coração alivia suas dores e te traz uma bênção, as pessoas ainda não tem essa formação é muito ruim pensar que a todas as pessoas têm que são obrigadas a reconhecer isso. Eu costumo começar o candomblé 19 horas, 19:30 e término às 22:30h. Eu tenho um vizinho no lado que tem criança, que né? Criança pequena, tenho idosos. Então, eu normalmente costumo fazer um candomblé mais curto, até para respeitar e compreender os meus vizinhos. Um ou outro já falou um pouquinho por conta do barulho e nós moramos numa servidão. E é o problema do estacionamento. É um problema no Brasil todo em que já me incomodou um pouquinho, mas agora eu não sei. Gente, o estacionamento é um problema no Brasil todo. Eu não me incomodo mais, né, que a gente também tem esse problema, mas alguns vizinhos também vem aqui na casa do candomblé, da rua e acabo falando. E nós temos muitas ações, né? Nós temos aqui o projeto “vambora alimentar”, que é o projeto do combate à fome na época da pandemia, que Exú mandou dar suas carnes a quem necessita, porque a comunidade toda não estava dando conta de comer, e aí nós começamos a entregar marmita no centro e numas dessas idas e vindas, encontramos ali no terminal desativado, ali do Saco dos Limões, A casa de passagem dos indígenas. Tem mais de 100 pessoas ali, mais de 20 crianças e aí a gente começou a dar as carnes que são oferecidas pelos orixás, que a comunidade também come ali para eles. Então a gente alimenta mais ou menos 30, 40, um pouquinho mais, né? Frango para eles. Além disso, todo o candomblé a gente pede 1 kg de alimento, e fizemos campanha de fralda de enxoval de bebê, vocês sabem como é a ação social de preto e de gente que precisa, né? Nós por nós. Então é, a gente consegue fazer uma boa ação. Nós também temos aqui o “encante-se”, que é o combate à violência doméstica estrutural e o combate à violência contra a mulher. É um projeto que saiu do muro dos terreiros em 2019, né? Porque a gente sempre tá aqui na luta de combate e a violência é contra a mulher, né? Então eu digo que eu não sou feminista, mas tento ser, porque é muito difícil ser feminista. É muito difícil, muito difícil, mas eu tô tentando ser o tempo inteiro, né? E Xangô mandou de alguma forma, eu um jogo de Oburo. Fazer alguma coisa com essa nossa forma de cuidar, de saber da das mulheres que vem homens, né? Comunidades LGBTQPIA+ mais que vem no terreiro, procurar um conforto a gente coloca dos muros para fora. Então surgiu o encante-se que é saberes e fazeres do candomblé. A gente tá nesse projeto pra explicar assim rapidinho, porque eu sei que vocês também têm um tempo curto. A gente tá

conversando, que é a técnica de romper o silenciamento. Ela pode ser costurando, cozinhando, dançando, cantando, né? Que são os nossos saberes. Que as nossas mais velhas eu já vi muita mais velha bater a massa do acarajé e dizer assim, “aquele danado, para não dizer outro nome, aquele danado vai me pagar porque eu estou batendo o acarajé de oyá e oyá me fortalece. Quando eu chegar em casa vai ficar tudo bem”. Então a gente sabe que os nossos fazeres e saberes nos curam dos traumas de violência, principalmente violência doméstica, né? Eles nos curam. E em 2019 teve um feminicídio da professora aqui eu tava arriando amalá para Xangô, que eu arreio toda quarta-feira, e a Ekedji Carla e Ekedji Adriana tava comentando sobre isso. E eu digo que assim, quando eu soube, eu tive uma reação que não é minha. Tenho uma natureza muito tranquila, né? Mas eu tive uma reação meio com raiva, aí tive que ter uns minutos ali. Parei, voltei e dediquei uma amalá a essa pessoa. E aí a ekedji pediu, ela disse, “Ah, nós estamos perto do Carnaval, a senhora quer fazer alguma ação?” “Eu disse,” eu prefiro transformar minha raiva em poesia, que é uma forma para mim pelo menos descarregar, raiva, aborrece e emburrece. Então eu não quero ficar com raiva. “Aí fiz “a poesia da gira”, depois posso até te mandar. E a gente percebeu que os grupos folclóricos e na concentração de algumas escolas de samba. Recitaram essa poesia por conta da professora, foi bem na semana do Carnaval, aí nós percebemos, puxa, se de cem que o escutou a poesia um aderiram ao movimento de combater a violência contra a mulher. A gente tá ganhando, e aí a gente tem aí o encante-se, que é o encantos com futebol, encantos com Carnaval, encantos com poder público. Ele foi se desdobrando. Que tem esse projeto que é menina dos meus olhos, aí temos também o projeto do livro ebook, que eu Acredito que até novembro ou dezembro a gente vai publicar, que é sobre Ile Ifé essa primeira cidade, o festival Olojó que está acontecendo agora, né? Já começou a semana do festival com as escolas de samba aqui de Florianópolis. O Ooni de Ile Ifé, ele conversou com a gente pra de que maneira que a gente podia apoiá-lo a redescobrir Ilê Ifé, a reapresentar Ilê Ifé. Eu disse Ooni como todas as pessoas eu tenho muitas, muitas, muitas coisas e a minha primeira responsabilidade é o meu ofício, então a os atendimentos, jogos, rezas e ebós, eles puxam bastante tempo assim do meu dia. Mas a única forma que eu consigo é escrever, que é tem as madrugadas, meias manhãs. E aí ele disse, “ok, por isso que a gente pensou, né? Em escrever e apresentar esse ebook” depois a perspectiva é uma coleção que a gente vai apresentar todos os festivais que a gente participa e fazer uma semelhança com os nossos festivais aqui do Brasil. E aí a gente escolheu o Carnaval de Florianópolis. É isso. É muito difícil procurar achar literatura, que fale do Carnaval de Florianópolis, né? É muito difícil.

CAROL: E a gente ia perguntar sobre as ações, sobre essas ações que são feitas com a comunidade...

IYÁ LEKE: Sim, tem O Presente de iemanjá, né? O Presente de iemanjá eu faço há mais de 20 anos, eu sou de Iyemonjá, né? Esse ano que passou a gente teve uma perspectiva ali pela Guarda municipal de mais de 4000 pessoas, a gente faz O Presente, Iyemonjá em forma de evento mesmo, né? Tem a capoeira para Iyemonjá, o samba para Iyemonjá, as danças, os grupos afros também vão se apresentar para Iemanjá, depois mais 8 horas da noite. O que eu faço no dia? Estou forçando o feriado. Para mim é um ato político também faço no dia, mesmo que seja o dia de semana. E lá pelas 8 da noite a gente segue em procissão até a praia da Pequeno Príncipe e de lá a guarda municipal leva para o alto mar. Hoje nós temos a guarda municipal, né? Os meus ogãs não precisam mais, melhor eles levam lá para gente. E o Presente iemanjá é muito para mim. Eu acho muito importante porque a cor da Deus, Olodumare em forma de uma sereia em forma de iemanjá para 4000 pessoas. Porque tem ali os eventos, esse Belo é muito importante. Você passar a música te atrai, a beleza te atrai, Iyemonjá te atrai. Você conseguir pedir, agradecer e você conseguir se sentir um pouco purificado, né? De tudo isso que a Terra, o ser humano está vivendo. Então é o que a gente entrega pra comunidade, a maior entrega nossa pra pra comunidade aqui do sul da ilha, né? Do campeche é o presidente Iyemonjá.

BRUNA: Mas antes a gente quer saber o que significa para a senhora ser uma Iyalorixá na cidade de Florianópolis.

IYÁ LEKE: Tu é muito danada, é como a gente acredita que eu já tinha falado, né? E que a gente faz esses pactos na nossa travessia, né? Do Orun pro Aiye. E ali, nos meus 14 anos, quando eu já atendia com a Cabocla, eu adorava aquilo, né? Em fase escolar, trabalhava, comecei a trabalhar com 15 anos, de carteira assinada, que naquela época tinha que ser, e a minha dedicação toda no terreiro. Então eu já tinha as entidades já tinham me dado assim um norte, assim, ela vai ser sacerdotisa. Eu agradeço a Iyemonjá que eu tenho o privilégio de conseguir exercer meu sacerdócio, né? Estudei, trabalhei e hoje eu só é o que eu faço, né? Sou escritora, faço alguns projetos, mas sou Iyálorixá. O meu ofício é Iyálorixá, o meu passaporte Eu estou como sacerdotisa, na identidade, como sacerdotisa. Então eu agradeço muito a Iyemonjá que eu tenho o privilégio, porque isso é privilégio mesmo, de eu conseguir estar como Iyalorixá e conseguir manter a minha família. Me manter hoje, e manter o axé. Ser Yalorixpa em Florianópolis, eu te digo que assim, o meu pai é negro da cor da Carol,

minha mãe é branca e eu nunca sofri é racismo, mas eu já sofri por ser de axé, né? Já sofri intolerância por ser de axé. Mas graças a Iyemonjá assim, eu sempre fui atrás através do conhecimento para mim, conseguir colocar esse uma forma de compreensão para esse outro que está me atacando. Olha, você não sabe porque você está me atacando, né? Porque eu não sou uma mulher de embate, até admiro quem consegue, eu não consigo, não sou mulher de embate para mim. Eu acho que a gente tem que ir de uma outra forma, né? Mas não é fácil ser do candomblé e sacerdotisa dentro de Florianópolis. Nós ainda estamos na nossa província, em que eles olham só o pastor, o padre, o rabino, né? Que a religião do Ethos como sacerdotes, né? Quando eu fui apresentar o *Encante-se*, Na Câmara é claro que a gente escuta uma fala ou outra. Eu não sabia que vocês se vocês se interessavam por essas questões sociais. Aí pensa a resposta, né? Então a gente sempre tem assim, e aí tem que estar preparado para qualquer resposta. Eles, o outro sempre vê a gente no lúdico, porque vestimos diferentes, tem uma estética diferente, vê essa forma lúdica até de conforto, de respeito, né? Tudo bem. Mas, eu penso que a gente tem que dar um passo a mais. Não é respeitar, é uma coisa, mas compreender é outra. Eu prefiro compreender. Eu compreendo o evangélico quando ele me aborda, porque ele tem como dogma salvar todas as Almas para Jesus. Eu compreendo, digo, tudo bem, mas a minha alma já está salva para Iyemonjá. Você pode continuar a sua peregrinação para Jesus. Mas é minha compreensão. Não ataco, mas quando eles passam um pouquinho do limite. A gente tem que colocar um limite, diz, assim, aqui é o seu limite, entendeu? E não só os religiosos, principalmente as instituições. Eu, como cientista da religião, elas não sabem abordar um sacerdote afro, não sabem abordar. Eles não têm o mínimo de abordagem, não sabem, só uma instituição como AYA, né, que é um laboratório que estuda decolonidade. E aí é um outro pensar, mas se eu for para um curso da economia da UDESC é o lúdico falando aqui, né? Já me aconteceu, eu graduando a que eu te falei, né, ele me abordar e perguntar por que que você usa branco? Eu disse, não, é dogma religioso e essa estranheza. Florianópolis.

AISHA: E pensando nessa lógica assim, sobre ir na Câmara e falar sobre o projeto. E essa estranheza, é pensando o espaço religioso e essas articulações também. A questão do patrimônio que você trouxe, que você estuda, é de que forma que isso está articulado assim, a relação do terreiro com o estado. A relação do terreiro e o patrimônio. A necessidade desse patrimônio. E pensar o patrimônio dentro do espaço do terreiro, de que forma, se enxerga que essas coisas estão todas articuladas?

Iya Leke: Eu acho que aí é conscientizar literalmente a transmissão de ensinamentos é para os que os nossos que querem conscientizar de uma outra forma que nós temos patrimônio. Que nós temos certos documentos, que nós estamos nesse mundo, que nós também estamos no mundo social, patrimônio material e imaterial, patrimônio documental, na forma de patrimônio. Aí como você está me colocando, e que esse patrimônio ele também faz parte da Constituição brasileira. A maioria das palavras canções, vestimentas culinária são africanas, são afro-brasileiras. Conscientizar que é não é uma apropriação cultural, mas conscientizar que realmente você está comendo comida africana se você não gosta de preto, mas você está comendo comida africana, vestindo, dançando, cantando comida africana, hábitos africanos. E é nosso patrimônio. É nosso patrimônio, né? Principalmente do candomblé. E é, eu acredito que quanto às instituições, eu não sei nem de que maneira a gente consegue assim horizontalizar, né? Os saberes com conhecimento eu não consigo ainda indicar qual a melhor maneira? Porque eu tive no templo de Obatalá, onde recebi um título, já tinha ido há mais tempo e recebi o título. É como um Ieiê, tipo uma rainha do templo, né? E no templo de Obatalá tem uma escola, uma escola com seis, umas seis salinhas assim. Quando eu entrei, eu entrei na escola tem uns quatro criança, oito, seis, assim, elas extremamente silenciosas, com brilhar nos olhos e uma pessoa diferente. Elas me olharam, me acenaram, voltaram para o seu texto, um sonho de consumo da gente. E o que que ela estavam estudando? Matemática ali, né? Conteúdo da escola, elas saíram dali. Nessa escola do templo e foram para minha coroação de uniformezinho tudo. Eu tenho fotos, já colocaram um Efum no rosto, se pintaram e as mães meio tentando tirar para elas colocar uma roupinha, uma vestimenta. Aí uns ficaram, outros colocaram um uniforme. Essa cruza da educação tradicional, da transmissão de conhecimento da tradição junto com a educação. Eu acho fantástica o melhor modelo possível, porque hoje você tem os colégios católicos, que a maioria dos prédios do Brasil, dos colégios e universidades são católicos ou evangélicos. Você não tem um colégio indígena, você não tem um colégio afro, não tem, né? A gente lutou com a 10.639, eu fiz parte da regulamentação da lei aqui em 2006 com o governador, eu fui junto na reunião e tal. A gente tem a 10.639, mas a gente não tem assim uma referência de um colégio afro, né? Eu vou matricular meu filho no colégio afro. A educação ela permite, né? Que a gente tenha essa compreensão dos mundos, então eu acho que quando você diz nossa relação com as instituições, pode começar com a educação, mas a educação de base, não só a universitária, não só a universitária. Porque eu convivi com as com universitárias pretas, retintas e negras que eu dizia, ela não tinha formação de que é ser preta dentro de Florianópolis. Eu disse, olha, procura tal grupo, procura tal isso, procura tal aquilo. Ontem eu fui fazer uma pesquisa

na Coloninha e eu entrevistei três é mulheres, eu fiquei muito feliz com o letramento racial daquelas meninas, sabe? E tá, eu fiquei muito feliz, se Vanda, o que que é isso que a Vanda tava junto? Eu disse, Vanda, ela assim, elas tão assim Iyá? Dá para se notar que é uma comunidade que está investindo também no letramento racial e quiçá de terreiro, a pertença de terreiro é diferente da pertença do movimento negro, entendeu? Eu te dei o exemplo do templo de Obatá, porque lá a pertença do culto ao Obatalá e a pertença que eu estou dizendo, que é toda a ação. É como a comunidade pensa, se move e escolhe, independente se você se é um indivíduo junto com os conteúdos que a sociedade exige que eles têm que aprender inglês, têm que aprender italiano, têm que aprender francês e mais iorubá. Então, é um sonho de consumo a gente ter assim essa iniciativa de ter as escolas de transmissão de conhecimento tradicional daquela comunidade, ali daquela. E consegui ainda estar dentro da sociedade. Consegui te responder?

BRUNA: E pensando nisso também, a gente queria ouvir um pouco mais sobre a viagem para Nigéria. Ela falou que já foi 5 vezes. E aí receber esse título sagrado, né? Como que se a senhora poderia falar um pouco? Da importância desse acontecimento. É disso que nós estamos falando para a senhora, pessoalmente, para a cidade de Florianópolis e nesse âmbito nacional, porque não é, não é qualquer uma aqui que vai. Então como que como que a senhora digeriu tudo isso, né?

IYÁ LEKE: Como que é teu nome mesmo? Eu ainda estou digerindo Bruna. É, eu, eu tenho... Eu tenho algumas iniciações, né? Sou do candomblé e a gente está sempre dando obrigações. Sabe o que que é isso, né, Carol? Obrigação de 1, 3, 5 de 7, 14 e 21 e né, as obrigações do candomblé são obrigações extremamente profundas, míticas e maravilhosas. Eu aceitei esse título na Nigéria. Primeiro, pelo meu amor a Obatalá, eu sou de Iyemonjá com Oxum, mas quem rege a minha vida é Oxalá. É Oxalá, quem me deu o ibachê foi Oxalá, virado na Mãe Ida de Oxalufã, essa senhora aqui, ó, aqui é em cima. Ela que me consagrou, o **balofã** que me consagrou. E também eu fui mais nessa perspectiva assim de conhecer, de sentir como é ter um que fazer uma obrigação, né? Eu fiz algumas, mas não assim adentrei de abrir a porta, né? Na Nigéria. E quando veio esse convite, eu claro que mais do que rápido, eu aceitei. O meu título é Iêiê Orixá é um iêiê orixá Tum axê Brasil e a tradução. Quando eu perguntei qual é a tradução? Porque o Obá tem 50 tradução para uma palavra é outra forma de pensar, Fantástica de Realeza mesmo, né? Porque eu fui direto no Google Tradutor e tá lá corrigido tum. Achei que que significa corrigido aí eu perguntei, mas qual a minha responsabilidade com o templo? É de cuidar da tranquilidade e da reputação do templo de

Obatalá no Brasil. Essa é minha responsabilidade. Aonde tiver alguém conversando, falando do templo de Obatalá no Brasil ou alguma mídia, alguma coisa e que sai fora da pertença, que o Obalesun, em que o templo de Obatalá tenha. Eu tenho que agir de alguma forma, né? Conversando, dialogando e até escrevendo algumas coisas e automaticamente também de Oxalá que o que a gente já faz, né? E o que eu faço já né, né? Normalmente quem vem perguntar, a gente sempre tá falando de obatalá, sempre tá falando de oxalá, que ele realmente é o nosso criador depois de Oxalá são todos, antes de Óxala só ele, antes de eu Obatalá, só ele, né? Ele é o criador de todos os seres e eu também. Eu já já tenho essa natureza, né? É claro que tem a parte mítica que é feito o jogo lá e aí através do jogo o Obatalá disse vai ser isso aqui. Então eu estou ainda digerindo, vou ter que fazer o templo de eu Obatalá ele é um templo extremamente organizado. Vocês não pensem assim que eu acho que vocês não pensam desculpa, mas a grande maioria pensa o africano, como diferente. O templo do Obatalá é extremamente organizado. Eles têm livro, ata. Eles têm livro de registro, eles têm livro de memória, eles têm certificados, aquilo ali é um certificado. Tem cerimônia por certificado, né? Eles me mandaram a lista, nós fizemos 56 reuniões, eles fotografam tudo, eles registram, tudo é assim, é uma organização ali, é técnica que eu achei fantástica, fabulosa assim, sabe? A gente também tem nos terreiros da nossa maneira. As eu eu conhecia a Orixá antiga, que tinha toda a documentação do terreiro numa malinha embaixo da sua cama tá ali é um registro, é um guardado. O saber permear, guardar, conservar e dinamizar a informação afro brasileira e africano é totalmente diferente, até por condições econômicas e sincréticas do que a gente tá vendo aí com as religião dos Ethos que é católica, que tem grandes bibliotecas, né, em grandes acervos, entendeu? E eu gosto muito assim de falar dessa parte assim do templo de Obatalá, que eu acho muito bom e que a gente também consegue mostrar pra vocês, esse aqui é o livro todo ano eles mandam o livro pra gente do que que aconteceu no templo. E a gente é uma maneira deles interagir, fazer a gente se sentir parte, né? Também através da escrita, ele manda a oralidade, mas ele diz assim, “minha filha, pega aqui, ó, tá aqui. “Eu acho isso muito bom também, né? Porque não que a gente se baseia naquela escrita para lembrar de Obatalá e do templo, mas os registros, eles nos ajudam a ter lembrança e a lembrança leva a gente a ter uma nostalgia, uma alegria ou um lapso de conhecimento. Ai eu vou escrever sobre isso, entendeu. A lembrança? A lembrança que a gente olha nesses suportes, um livro, um registro, uma foto, alguma coisa, ela leva a gente a várias fases de conhecimento e até de sentimento. Então eu acho isso muito importante, sabe?. Eu fiquei um pouquinho tímida para falar do título. Falar de si para si é muito, é muito ruim.

CAROL: Porque a senhora aceitou participar do projeto, da nossa entrevista?

IYÁ LEKE: É, primeiro que é o laboratório, né? Não é o laboratório da Cláudia Mortari, mas a Cláudia é filha da casa. A Cláudia é de Airá, que é o senhor da nossa casa. E sabendo assim do cuidado, da responsabilidade que a Claudia tem com a religião, né? Com a nossa pertença eu aceitei logo, né? Segundo que eu também acho muito importante e quero parabenizar a equipe toda de vocês de fazer esse repositório. De vocês tem essa sensibilidade de escutar os sacerdotes, de escutar as pessoas de axé e vocês colocarem isso num lugar aonde as pessoas têm acesso, de ler, de pesquisar, de saber da gente e saber de nós. É, eu acho que é um dever nosso. Não adianta ficar me incomodando que as pessoas não sabem falar da gente, não sabe se pronunciar, não sabe tratar a gente. Ou não conhece a gente então, quando a gente tem esses meios de comunicação da universidade, eu acho muito importante. É um espaço em que a gente sabe que tem muitas vaidades, que o intelectual, um espaço que também já tive aí, Iemanjá não deixou fazer mestrado e doutorado. Por isso que eu parti para escrever. Mas eu sei que não é um espaço assim tão leve de vocês levar. E eu acredito que para a equipe e para as pessoas que vão acessar esse repositório, vai ser o repositório de saber que vai indicar as pessoas. Essa busca ao seu equilíbrio, a sua purificação, a sua inquietude, as suas interrogações do mundo do Orixá, do mundo do candomblé. No mundo afro brasileiro, religioso, para a sociedade, porque eu acredito que é só através do conhecimento e que as pessoas conseguem ter uma compreensão e a gente chegar aí nessa paz em que todos buscam, porque eu acredito que todos vocês estão fazendo isso, que lá no fundo, olha, a gente quer a busca da paz, a gente quer que o afro compreenda. O católico compreenda, o indígena compreenda é o hinduísta e que também esses que estão fora e que pelo menos tem o mínimo de pertença a algo ligado, qualquer forma mítica também. Que nos compreenda, porque nós, eu, pelo menos, e a minha comunidade, fizemos um exercício constante de sempre compreender o outro. Banalizar violência? Não. Ser passional também não. Mas a gente tem aí essa vontade assim muito forte de compreender esse outro. Por isso que eu aceitei. Parabéns a equipe toda, que Iyemonjá, que é meu orixá, sempre dê frescor para o Ori de vocês, que o Ori de vocês sempre, sempre atraíam coisas boas, né? Que sempre leve coisas boas pra você, que Oxum, que é a senhora da sabedoria, a senhora da bondade também sempre embale. O grupo que na hora de qualquer controvérsia, Exu brinque com vocês, traga a comunicação de brincar com vocês e que vocês consigam chegar nos objetivos com muito sucesso. O que vocês querem chegar com esse repositório de terreiros de Santa Catarina.

